

---

## *A Escola e o Racismo Institucional: Perspectivas e Desafios na Formação Inicial de Professores<sup>1</sup>*

Walcéa Barreto ALVES<sup>2</sup>

Fernanda Pereira da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O papel da escola na manutenção e combate ao racismo institucional, destaca a importância de uma formação inicial de professores que promova a análise crítica das relações raciais no cotidiano escolar. Destaca-se que a escola pode tanto perpetuar práticas discriminatórias quanto ser um espaço de resistência e transformação social. A educação deve capacitar professores e estudantes a atuarem como transformadores do cotidiano, utilizando a mídia para promover novas percepções e combater o racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de professores; Mídia; Educação; Cotidiano; Antirracismo.

### **CORPO DO TEXTO**

O papel da escola enquanto instituição dedicada ao ensino garante o seu destaque no cotidiano como um espaço que produz e reproduz relações importantes para construção da sociedade, o que pode preservar estruturas discriminatórias ou desenvolver práticas de resistência e luta. Munanga (2009, p.35) esclarece que “é através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscritas na história.” Sendo assim, podemos perceber que a manutenção de práticas racistas no cotidiano escolar, muitas vezes, acontece de forma sutil, impactando negativamente na experiência educacional de estudantes negros e negras. “O racismo é parte de um processo social que ocorre ‘pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição’”, afirma Almeida (2019, p. 41).

O presente artigo é um texto ensaístico que apresenta reflexões sobre o papel da escola no combate ao racismo institucional. A partir da análise de perspectivas e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP02 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, e-mail: walceaalves@id.uff.br

<sup>3</sup> Doutoranda do Curso Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, e-mail: fe\_pereira@id.uff.br

---

desafios na formação inicial de professores, o artigo explora ideias de forma crítica e propõe novas abordagens para enfrentar esse problema.

A construção de uma educação antirracista infere que professores e estudantes reflitam sobre as relações produzidas no cotidiano escolar. Para isto acontecer, faz-se necessário que a formação inicial dos professores promova e estimule o exercício da análise crítica diante dos temas que atravessam o cotidiano, tais como o racismo. Munanga (2009, p.37) explica que “no cotidiano, o negro vai enfrentar o seu inverso, forjado e imposto. Ele não permanecerá indiferente. Por pressão psicológica, acaba reconhecendo-se num arremedo destetado, porém convertido em familiar.” O trajeto de desconstrução desse cenário precisa acontecer de modo intencional, diretivo e propositivo. É fundamental traçar caminhos educativos que atuem no estranhamento dessas concepções para que sejam tecidas novas redes de significado mediante um processo de criticidade e reflexividade.

A reprodução dos estereótipos e preconceitos que permeiam o cotidiano de todos nós fortalece a manutenção do racismo na sociedade. Almeida (2019, p.26) ressalta que,

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos.

Enquanto uma instituição de ensino, a escola apresenta inúmeros desafios e perspectivas que podem contribuir para reflexão sobre a ação do racismo no cotidiano tornando-se um espaço de transformação da sociedade. Adaptando-se às mudanças sociais, culturais e tecnológicas que diferentes gerações apresentam. Rezende (2002, p.25) destaca que “o cotidiano atravessado pela mídia é, desta forma, tomado como espaço de produção de fatos sociais que conectam diversas manifestações a fim de compreender como a existência é gerida pelo coletivo que fornece sentido e forma ao cimento social.” O uso da mídia no cotidiano escolar possibilita, momentos para reflexão sobre como futuros professores interpretam e percebem a discussão racial, e como tais percepções podem impactar na sua dinâmica social, política e na sua atuação como professor e cidadão.

A construção de uma educação antirracista e inclusiva requer, dentre tantos desafios, reconhecer o papel da escola enquanto instituição que, alinhada às demandas

do século XXI, pode contribuir para formação pessoal e profissional de diferentes pessoas, mas também pode preservar diferentes formas de preconceitos, como o racismo. Os estudantes muitas vezes reconhecem a escola como um local destinado ao encontro de pessoas, onde poderão desenvolver suas habilidades interpessoais e adquirir diferentes formas de conhecimento.

Como argumenta Dayrrel, (2007, p.1106) o cotidiano escolar relaciona-se com as vivências dos jovens, mas geralmente “se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas.” Esta pesquisa busca compreender como jovens/futuros professores enxergam a relação entre mídia e o cotidiano escolar diante das demandas e desafios da educação das relações étnico-raciais.

Propomos, assim, uma mudança do eixo da reflexão, passando das instituições educativas para os sujeitos jovens, onde é a escola que tem de ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca. Quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambigüidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil. (Dayrrel, 2007, p.1107)

No texto em destaque, Dayrrel (2007) argumenta que a escola deve estar disposta a se adaptar às necessidades e desafios dos jovens, em vez de esperar que os jovens se adaptem à escola. Portanto, este artigo destaca a necessidade de pensarmos na mudança do foco da reflexão das instituições educativas que precisam olhar para os jovens como sujeitos que interferem nas relações produzidas no cotidiano escolar, em vez de se esperar que eles se adaptem a uma estrutura escolar pré-existente.

Nota-se que a escola, enquanto instituição, influencia na formação da identidade juvenil e relaciona-se com as tensões e ambigüidades experimentadas no cotidiano escolar. Tais experiências vividas no cotidiano escolar podem trazer uma perspectiva crítica que contribui na construção de uma estrutura educacional centrada no aluno.

A relação dos jovens com a escola implica em considerar fatores como classe social, influências culturais, econômicas e políticas que moldam suas experiências e afetam sua relação com o ensino oferecido no ambiente escolar. Assim sendo, podemos observar nas relações cotidianas construídas na escola a importância de adotar uma abordagem mais ampla e multidisciplinar para entender as experiências e desafios

---

enfrentados pelos jovens estudantes. Entendendo que a relação entre a juventude e a escola, poderá possibilitar a implementação de políticas e práticas mais efetivas para promover a educação de qualidade e o bem-estar dos jovens.

A natureza dinâmica da escola como instituição também destaca as tensões que existem entre propostas inovadoras e as tendências imobilistas na educação.

A escola, no entanto, não é uma instituição estática, sendo palco de tensões entre propostas inovadoras e tendências imobilistas. Nesse contexto, nos últimos anos vêm proliferando no Brasil a implantação de novas propostas político-pedagógicas nos sistemas oficiais de ensino, principalmente no âmbito municipal, patrocinadas por gestões de perfil progressista. Tais propostas, com pressupostos, dimensões e alcances variados, têm em comum o discurso da democratização do ensino público e a elevação da sua qualidade baseados nos princípios da justiça social e equidade, a partir do reconhecimento da diversidade sócio-cultural dos alunos. O processo de implementação e avaliação dessas propostas vem colocando em questão, de alguma forma, a estrutura escolar, com determinada organização de tempos e espaços, o currículo e sua adequação, o papel dos atores escolares, dentre outras dimensões, envolvendo educadores, pais e especialistas em um debate acalorado. (Dayrrel, 2007, p.1123)

Contudo, nota-se que a escola, enquanto instituição, ainda apresenta grandes desafios para poder atender a toda diversidade cultural que a sociedade apresenta. Almeida (2019, p. 30-32) esclarece que diante as diferenças sociais os conflitos, antagonismos e contradições apresentadas pelo racismo não são eliminados, mas são absorvidos e mantidos por meios instrucionais. O autor elucidava que,

A concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.[...]

Em outras palavras, é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências.

As práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula e que insiram a discussão sobre o combate ao racismo poderão proporcionar um ambiente inclusivo e equitativo para os estudantes. Nesse sentido, destaca-se a importância do planejamento escolar na promoção da reflexão sobre o processo de compartilhamento de informações dentro e fora do cotidiano escolar.

---

bell hooks (2013) explica que podemos identificar na sala de aula a separação da subjetividade e experiência pessoal ao comunicar as informações, criando uma falsa neutralidade e objetividade no conteúdo que é transmitido. A autora explica que

O mascaramento do corpo nos encoraja a pensar que estamos ouvindo fatos neutros e objetivos, fatos que não dizem respeito à pessoa que partilha a informação. Somos convidados a transmitir informações como se elas não surgissem através dos corpos. Significativamente, aqueles que estão tentando criticar os preconceitos na sala de aula foram obrigados a voltar ao corpo para falar sobre si mesmo como sujeitos da história. Todos nós somos sujeitos da história. Temos que voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando a subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros. (p.186)

hooks (2013), ao definir a educação como uma prática da liberdade alinhada à perspectiva de Paulo Freire, aponta para uma abordagem pedagógica que se compromete não apenas com a transferência de conhecimento, mas também com o desenvolvimento emocional e espiritual dos alunos (hooks, 2013). Segundo a autora, é fundamental que os professores ensinem os alunos a "transgredir" - ou seja, a ultrapassar os limites impostos por preconceitos e estruturas sociais opressivas. Este processo de transgressão é visto como um caminho essencial para o alcance da verdadeira liberdade. A autora não apenas oferece uma nova visão sobre o papel do educador, mas também redefine o objetivo da educação. Ao invés de preparar alunos para se adequarem passivamente às estruturas existentes, a educação deve emponderá-los para questionar, desafiar e transformar essas mesmas estruturas. Este é o cerne da educação como prática da liberdade: um processo contínuo de questionamento, aprendizado e crescimento que transcende as paredes da sala de aula e se estende à sociedade como um todo.

As experiências individuais dos sujeitos podem aprimorar o planejamento docente que, aliado às práticas da comunicação, contribuirão para a construção de abordagens mais inclusivas, capazes de desconstruir as hierarquias tradicionais de poder que influenciam os processos de ensino-aprendizagem, fixando preconceitos construídos ao longo da história da humanidade. Almeida (2019, p.33) evidencia que “no caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder.”

Reconhecer a importância da mídia na desconstrução racial na escola com o seu potencial para transformar significativamente narrativas sociais que preservam o

racismo possibilita promover a igualdade racial através de representações autênticas da população negra e que evitem estereótipos que insistem em perpetuar o preconceito e a discriminação racial.

Na formação inicial de professores, as mídias podem contribuir para que estes futuros profissionais da educação reconheçam os desafios existentes nos processos de análise das informações apresentadas em diferentes meios de comunicação. Dayrrel (2007) afirma que “parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe.” (p.1106). Logo, os jovens aspirantes a professores precisam ser estimulados a refletir sobre suas próprias experiências e trajetórias vivenciadas no cotidiano escolar.

A análise crítica da mídia pode conectar as percepções individuais com os padrões estéticos, culturais e éticos vinculados através dos meios de comunicação. Paz e Rodrigues (2019, p.23) destacam que “as mídias se constituem enquanto espaço para trocas comunicativas que possibilitam um partilhar dos dilemas sociais e principalmente de ideias propositivas para superação dos mesmos.” Nesse sentido, as mídias podem interferir nessas relações através da produção de sentidos sobre o racismo e no processo de formação de opinião.

Conectar as práticas pedagógicas com o mundo da comunicação contribui para construção de uma visão mais aberta e inclusiva dos professores preparando-os para trabalhar com as complexidades que o cotidiano escolar apresenta. A formação inicial de professor também precisa considerar que na relação mídia e educação o estudante é um importante aliado para repensar as práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Feminismos Plurais. Editora Jandaíra. 2019. Edição do Kindle.

DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (org). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC, Minas, 2011.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. - 3 ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

---

REZENDE, Renata. Prefácio. In: FELIX, Carla Baiense; BEDRAN, Laura, SALDANHA, Patrícia (orgs.). **Mídia e mídiatização do cotidiano: políticas, subjetividades e produção de sentidos no contemporâneo**. Garamond. Edição do Kindle. Rio de Janeiro, 2022.

RODRIGUES, Raquel Timponi Pereira. **A comunicação como condição de historicidade do presente**. In: FELIX, Carla Baiense; BEDRAN, Laura, SALDANHA, Patrícia (orgs.). Mídia e mídiatização do cotidiano: políticas, subjetividades e produção de sentidos no contemporâneo. Garamond. Edição do Kindle. Rio de Janeiro, 2022.